

# A GRANDE FESTA DAS GRAÇAS: PESSOAS, RITOS E MILAGRES NA ROMARIA DE SANTO ANTÃO, EM SANTA MARIA, RS

## *THE GREAT PARTY OF THE FAVOURS: PEOPLE, RITES AND MIRACLES IN THE PILGRIMAGE OF SANTO ANTÃO, IN SANTA MARIA, RS*

Robinson Fernando Alves<sup>1</sup>

Recebido em: 03/07/2008

Aceito em: 25/09/2008

### RESUMO

Por volta de 1848, iniciou-se em Campestre, Santa Maria, RS, a popular Romaria de Santo Antão, liderada pelo asceta João Maria de Agostinho, o “santo monge” ou solitário eremita de Campestre e Botucaraí. O trabalho tem por principal objetivo desvendar e conhecer os atores envolvidos no evento religioso de Santo Antão, bem como, aprofundar as características da tradicional “festa” do Campestre. Outrossim, saber por que a população se integra ao culto também foi intuito pelo qual se procedeu ao estudo do evento. Partiu-se de um ponto de vista histórico, antropológico e cultural que dá visibilidade aos romeiros, peregrinos, moradores do lugar e clero, com destaque à versão da população que ingressa na Romaria. Também se analisou as diversas formas em que o religioso, o social e o pragmático se manifestam no evento. Intuiu-se conhecer de que forma e por qual motivo o profano se integra ao sagrado e vice-versa. Enfim, atentou-se para a diversidade da Romaria e para o caráter coletivo das relações humanas e religiosas.

**Palavras-chave:** Romaria; Povo Cristão; Igreja Católica.

### ABSTRACT

For 1848 return, it was initiated in Campestre, Santa Maria, RS, the popular Pilgrimage of Santo Antão, led for asceta João Maria of Augustin, the “saint monge” or solitary hermit of Campestre and Botucaraí. The work has for main objective to unmask and to know the involved actors in the religious event of Santo Antão, as well as, to deepen the characteristics of the traditional “party” of the Campestre. Outrossim, to know why the population if also integrates to the cult was intention for which if it proceeded to the study of the event. It was broken of a historical, antropológico and cultural point of view that of the visibility to the romeiros, pilgrims, inhabitants of the place and clergy, with prominence to the version of the population that enters the Pilgrimage. Also one analyzed the diverse forms where the religious one, social and the pragmatic one if reveals in the event. Intuiu to know of that it forms and for which reason the profane one if integrates to the sacred one and vice versa. At last, one attempted against for the diversity of the Pilgrimage and the collective character of the relations religious human beings and.

**Keywords:** Pilgrimage; Christian people; Church Catholic.

Por volta de 1846 e 1848, surgiu, em Santa Maria da Boca do Monte, hoje Santa Maria, RS, um movimento religioso articulado por um imigrante italiano que se dizia chamar João Maria de Agostinho, podendo-se encontrar para a mesma pessoa o nome João Maria Agostini, conforme derivativo da língua italiana. Este homem ficou conhecido como o “monge” João Maria, sendo que não era sacerdote católico e sim um leigo ermitão e

---

<sup>1</sup> Mestre pelo Mestrado em Integração Latino-Americana, da Universidade Federal de Santa Maria – MILA/UFSM. Rua Maximiliano Vizzotto, 1080, CEP 97230000, São João do Polêsine, RS. **E-mail:** [robinsonfernandoal@yahoo.com.br](mailto:robinsonfernandoal@yahoo.com.br).

caminhante. Em Santa Maria, desenvolveu o culto à Santo Antão. Instalou-se mais propriamente em um boqueirão denominado Campestre, que, a partir daquele momento passa a ser conhecido popularmente como Campestre de Santo Antão.

João Maria escolhera o referido local provavelmente por conta de um bonito monte que ali desponta, o Cerro do Campestre, hoje conhecido como Cerro de Santo Antão, onde pôde estabelecer seu eremitismo. Posteriormente, também se descobriu uma fonte de água própria para o consumo, há meio caminho do dito monte.

A história da Romaria de Santo Antão se confunde com a rápida passagem de João Maria em Campestre – teria deixado a cidade por volta de 1848, quando se retirou para Botucaraí. Mas o fato é que ele fundou um foco religioso permanente, ao mesmo tempo que um movimento peregrino a sua volta. Quando o anacoreta partiu teve início de forma ordenada o movimento romeiro.

## 1 Quem são os romeiros de Santo Antão?

Becker Pinto informa que cerca de 200 pessoas residiam no Campestre à época de João Maria<sup>2</sup>. Provavelmente, se refere àquelas famílias que passaram a morar no atual 10º Distrito de Santo Antão por conta da esperança de cura; muito certamente não se incluem neste dado os agricultores, que já habitavam a região antes da chegada do “monge”. Em certos dias, em virtude da fama de João Maria, contava-se 3.000 indivíduos.<sup>3</sup> O médico Tomaz Antunes de Abreu, que esteve no Campestre de janeiro a maio de 1849, encontrou ali de 800 a 1000 doentes, além dos sadios, que os acompanhavam.<sup>4</sup> Desses, escolheu 200 pessoas, entre as que haviam fixado residência, para fazer sua pesquisa. Informa ainda, que tomara nota dos visitantes e enfermos que entravam e saíam todos os dias do Campestre, constatando um total de 8.000 a 9.000 indivíduos, para o verão de 1849.<sup>5</sup> Belém define o Campestre do tempo de João Maria como “verdadeiro campo de concentração de doentes de todas as idades”.<sup>6</sup>

Por sua vez, no documento que o próprio eremita legou aos seguidores do movimento, lê-se: “O procurador tem a obrigação de (...) cuidar com esmero as esmolas do santo, porque o que sobeja se deve repartir com os mais pobres enfermos do lugar e dos mesmos concorrentes

<sup>2</sup> BECKER PINTO, Nicolau. Festa do Campestre. **Revista Comemorativa do Primeiro Centenário da Fundação da Cidade de Santa Maria** – 1814-1914. Porto Alegre: Globo, 1914. Não paginado.

<sup>3</sup> BELTRÃO, Romeo. **Cronologia Histórica de Santa Maria e do Extinto Município de São Martinho** – 1787-1930. 2 ed. Canoas: La Salle, 1979. p. 136

<sup>4</sup> ABREU, Dr. Thomaz Antunes de. Relatório (25 de maio de 1849). In: FACHEL, José Fraga. **Monge João Maria: recusa dos excluídos**. Porto Alegre: EdUFRGS; Florianópolis: EdUFSC, 1995. p. 76.

<sup>5</sup> Ibid., p. 76

<sup>6</sup> BELÉM, João. **História do Município de Santa Maria** – 1797-1933. Santa Maria: EdUFMSM, 1989. p. 177

(...).<sup>7</sup> E, no mesmo escrito, ainda consta que: “depois de justos e prudentes gastos da festa, há necessidade de cuidar da Capela honradamente, prudente e decente do Santo. O demais deve-se repartir com os pobres do lugar e concorrentes.”<sup>8</sup>

Fica evidente nos trechos acima a existência de população pobre no lugar, sendo mister perceber a preponderância de enfermos que ali acorriam em busca de curas. Não se pode deixar de observar que o movimento messiânico em parte tem raiz por conta do abandono político, social, religioso, médico, entre outros, em que se encontrava a população da região central do Rio Grande do Sul na primeira metade do século XIX.

Ainda no intuito de se querer saber quem são os devotos de Santo Antão, destaca-se a importantíssima análise sociológica que fez da Romaria o Sr. Pároco do Rosário (de fim de 2004 a início de 2007), Pe. Paulo Fernando Dalla Déa. Para ele, o evento se caracterizou no passado como uma romaria de negros. A constância e período desta clientela puderam ser observados com certa precisão através da análise de jornais mais antigos (1848 a 1940), onde, nos meses de janeiro de cada ano, impreterivelmente, se publicava o nome dos festeiros – naquela época os festeiros do ano vindouro eram escolhidos ao final das comemorações do ano corrente. Assim, temos um período que vai da época do “monge” até 1900 em que são poucos ou normais os sobrenomes de famílias negras entre os festeiros;<sup>9</sup> e um segundo período, cerca de 1900 até 1930, em que aqueles nomes são quase absolutos.<sup>10</sup> O Pe. Caetano Pagliuca fornece uma informação mais completa: “Effectuou-se, durante a semana passada, a tradicional festa de S. Antão, do Campestre. A concorrência de fieis foi extraordinária, apesar de estarem de lucto as familias Rosa, Vargas e Flores, assíduos devotos de Santo Antão.”<sup>11</sup> Após esta etapa da Romaria os festeiros de etnia negra se tornam raríssimos. O senhor Fausto Borin informa que “até houve um tempo que tinha dois salões do lado da igreja, um pros branco e outro pros moreno.” É interessante também o depoimento de outro romeiro, Dion Cássio de Aguiar Lobo, branco, nascido em 1932, que “desde guri” fazia caminhadas coletivas com amigos negros residentes em Campo do Bórtollo para a Romaria de Santo Antão. Segundo ele, naquela época, cerca de 70% dos devotos eram negros. Também informa que a Romaria de Santo Antão era conhecida regionalmente como um evento de negros, apesar de que não sabe dizer em que período o fato começou a ocorrer.

<sup>7</sup> AGOSTINI, João Maria. Aos do Campestre [184-]. In: SILVEIRA, Hemeterio José Veloso da. **As Missões Orientaes e seus antigos dominios**. Porto Alegre: Tipografia da Livraria Universal de Carlos Echenique, 1909. p. 462

<sup>8</sup> Ibid., p. 463

<sup>9</sup> **O COMBATENTE**, Santa Maria, v 6, n. 2, 10 jan. 1892; **O COMBATENTE**, Santa Maria, v. 8, n. 4, 22 jan. 1893.

<sup>10</sup> PAGLIUCA, Pe. Caetano. Festa do Campestre. **O Santamariense**. Santa Maria, v. 1, n. 24, 11 jan. 1923a. p. 1

<sup>11</sup> PAGLIUCA, Pe. Caetano. Festa do Campestre. **O Santamariense**. Santa Maria, v. 1, n. 26, 25 jan. 1923b. p. 2

## 2 As razões para ir à Romaria

No que se refere às razões para se ir à Romaria, é possível falar de um conjunto de fatores, que conduzem, em última instância, à cura pelos milagres: a fama do eremita, do Santo, da água, do barro, da paisagem, da imagem também estão atrelados às promessas. O último degrau da luta do romeiro é a graça ou o milagre alcançados. Trata-se de um processo pelo qual o fiel busca e mantém canais de interação direta com o sagrado, vindo regularmente à Romaria, fazendo e pagando promessas. De fato, o que se vê nos depoimentos dos romeiros, quando se pergunta quais são as razões que os fazem vir à Romaria, é a ênfase dada ao milagre concedido, à graça alcançada. Assim podemos notar, por exemplo, nas palavras de Dona Servina Cardoso dos Santos, moradora do lugar, onde é conhecida por Nena:

Ah, eu, o que me cativa, porque desde que eu vim morar aqui, fazem quarenta e três anos que eu moro aqui, eu sempre freqüentei a igreja de Santo Antão, sempre os pedidos que eu fiz, graças a Deus, sempre fui muito bem atendida, né. Por isso que eu fiquei cativa pelo Santo Antão. Sempre, sempre.

Outro fator que serve como motivo para peregrinar é a autoconsciência da fé. Diversos romeiros salientam que vêm à Romaria porque têm uma enorme fé. Entretanto, também se nota que, geralmente, a questão da fé e da graça alcançada fazem parte de um mesmo processo na vida dos fiéis e aparecem, da mesma forma, imbricados em um mesmo discurso. Veja-se o exemplo da fala de Dona Catharina de Almeida Langendolff: “Várias graças eu já fiz promessa e foram alcançadas, atendidas né. Então eu tenho aquela fé. E os meus pais tinham uma fé muito grande nele [Santo Antão]. O meu marido também vinha sempre, tinha muita fé.” Interessante o fato de que Dona Catharina coloca a fé como consequência das graças alcançadas. Este é um fator comum entre os romeiros, sendo que também, freqüentemente, se declara que é por conta da fé que se vai à romaria pedir graças.

O senhor Derlindo Mhocato Berleze também destaca que na Romaria possivelmente se “encontra algum parente, algum conhecido, talvez do tempo de escola.” Dona Maria Luiza Batistela de Souza contou que tem colegas suas que vieram rezar, arrumaram namorado e estão casadas até hoje. Dona Márcia Vitória Santos da Silva representa uma amostragem para este caso.

-Márcia: Aqui eu conheci meu marido.  
 -Entrevistador: Mas foi promessa ou foi acaso?  
 -Márcia: Não! [risos] Não sei... Olha, hoje, ainda brincando com ele, eu disse pra ele hoje – ele fala pouquinho – que hoje eu vinha pra entregar ele aqui, mas de bobagem [riso]. Eu sô muito franca!

A construção dos laços sociais de parentesco e amizade, as questões afetivas em geral e seus percalços em particular, entre outros, estão implícitos em muitos pedidos. “Os ritos são, antes de tudo, os meios pelos quais o grupo social se reafirma periodicamente.”<sup>12</sup> É notório que tanto o comunitário quanto o familiar são influentes no evento de Santo Antão. A Romaria garante inserção social ao devoto transformando-o em um ator social.

Considere-se agora a questão da graça alcançada. O elemento número um das razões para ir à Romaria apresenta três momentos bem marcados: o pedir a graça; o alcançar a graça; e o agradecer/pagar a graça.

O **pedir** a graça geralmente acontece em qualquer data do ano, em qualquer lugar, embora o devoto sempre remeta de alguma forma sua atenção para o dia oficial da Romaria e para o espaço geográfico do Morro do Campestre. Isto acontece porque os elementos mencionados despertam idéias de ligação com o Santo. Um exemplo desta ligação é Dona Diamantina dos Santos Alves: “Eu pedi lá da minha casa. Eu saio no pátio e enxergo o Morro.” Entretanto, é comum que romeiros, peregrinos e moradores desloquem-se até o Santuário durante a Romaria ou em dias normais para fazerem seus pedidos. Também é certo que quando se faz o pedido já se define como se haverá de pagar ou de agradecer o bem recebido.

Mas tenho muita fé. Eu fiz promessa pra Santo Antão, quando meu marido estava doente, no hospital, que ele foi operado da cabeça. E ele passou muito mal, não tinha garantia. E eu me ajoelhei na Casa de Saúde e pedi pra Santo Antão que me ajudasse, que meu velho se salvasse, que eu subiria o cerro de joelho. E subi o cerro de Santo Antão de joelho. Descasquei os joelho, embora eu forrei bem. Mas descasquei os joelho. E fui lá e paguei com muita fé.” (Wilma Maria Braida Santana)

Mas não é só em casa e no hospital que se fazem os pedidos. Eles podem ser feitos dentro de um templo católico ou dentro de uma ambulância (Diamantina dos Santos Alves), entre outros.

O **alcançar** a graça ou mesmo o milagre constitui o cerne da Romaria, a questão perene da vida do devoto. O fiel, emancipado por Santo Antão e por Deus, ganha nome, identidade, status de gente. Isto fica evidente para o atento que observa o que se almeja nas promessas. O líder dos pedidos é a saúde, com mais de 50% das intenções. Todos recorrem ao Santo e a Deus nos momentos de doença, qualquer que seja o mal, sendo que geralmente a situação do moribundo apresenta-se de fato bastante agravada. Catharina de Almeida Langendolff conta: “O meu neto tava muito mal, os médicos não achavam o que ele tinha.

<sup>12</sup> DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares de Vida Religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 460

Tava mal mesmo o meu neto. Aí eu também fiz uma promessa pra ele. Aí aconteceu o milagre deles acertar o que ele tinha. Daí ele sarou.” Essa é a típica promessa a Santo Antão, ou seja, quando não há mais salvação, Santo Antão aparece como alento.

Outra solicitação muito comum é o emprego. A situação remete à falta de poder aquisitivo de boa parte dos romeiros. Mais representativo ainda é o relato do cego João de Souza Leite:

Pois eu era um colono que trabalhava de sol a sol e depois que me acidentei com uma palha de milho fiquei inutilizado. Pois é moça, moro na cidade e já não querem me aposentar. Mas tenho muitos conhecidos em São Pedro, eles prometeram que vão me aposentar por lá. Muito obrigado moça!<sup>13</sup>

Os problemas que envolvem a família também estão na lista dos mais freqüentes. No âmbito das relações familiares as mulheres se apresentam mais preocupadas que os homens. Quando se perguntou a Paulina Rodrigues Matiuzzi se havia alguma mudança na sua vida que ela atribui ao fato de vir à Romaria de Santo Antão, assim respondeu:

Eu sim, porque eu era uma pessoa muito pobrezinha, só trabalhando na roça, e me casei com o melhor dos rapazes que tinha lá onde eu morava, e que está aqui atrás de mim, de origem italiana, trabalhador, isso foi uma graça né. O mais trabalhador lá da vila, pelo menos não bebia, não roubava, porque os outros todos bebiam [riso], então esse os meus irmãos disseram assim: “aí minha irmã, aí vai dar certo”. Mas se aparecesse um lá eles não deixavam nem eu aparecer. A criação era rígida.

Os ditos de Dona Paulina são dos mais representativos. Demonstram uma realidade onde as oportunidades, mesmo de casamento, não estão muito aquém do que é considerado mínimo para os padrões normais. A opinião que Dona Paulina possui de sua própria realidade evidencia que o romeiro de Antão não é um alienado social e político; trata-se, isso sim, de uma população que reconhece suas mazelas, mas que comporta poucos meios de auto-superação de suas adversidades.

Algumas graças são também muito íntimas e cotidianas. Seu Fausto Borin já falava: “Toda noite eu rezo pra Santo Antão. Padre Nosso, esse eu não esqueço. Sempre rezo a Santo Antão pedindo as coisas. Santo Antão, São José.” Outras graças surpreendem pelo que demonstram das necessidades que cada fiel tem como fundamentais na sua vida. Assim, o pedreiro Valdoir de Quevedo contou que fazia promessas para ir bem nos estudos. Estudou até a quinta série do Ensino Fundamental. Relatou também que achava que nunca iria conseguir tirar a carteira de motorista, porque tinha pouco estudo, e que “cruzou na primeira”. Trata-se de questões do dia-a-dia que para o romeiro têm muita importância.

<sup>13</sup> A RAZÃO. Santa Maria, 21 jan. 1975.

Um fenômeno que se percebe é que muitas vezes o pedido da graça é feito em nome de outra pessoa. Assim, a esposa pede para o marido ou vice-versa, a avó para o neto, cunhados entre si, irmãos, etc. Dona Diamantina dos Santos Alves, por exemplo, tem por vizinhos o casal Beatriz de Oliveira e Pedro Antônio de Oliveira. No ano de 2007, fez promessa por conta de um derrame que sofreu o vizinho: “Quando ele esteve doente – então ele estava muito mal né – daí eu pedi pro Santo Antão. (...) que ele voltasse a caminhar, a trabalhar...” Dona Diamantina, no mesmo ano, também estava pagando uma promessa que o marido, João Antônio Alves, fizera para ela. Em 2006, Dona Diamantina pagava promessa que fez para o neto Lucas, sendo que também já fez para o outro neto, Bruno Alves, e para o marido, já citado. Todas as promessas acima nas quais se dedicou Dona Diamantina foram referentes à saúde.

O **agradecer/pagar** também apresenta algumas características próprias. Esses eventos geralmente estão muito mais ligados ao Morro e ao dia 17 do que o pedir a graça. O pano-de-fundo do agradecer/pagar é a penitência. O ponto máximo da penitência é subir o Cerro do Campestre. A imagem de Santo Antão também desempenha importante papel no agradecer/pagar. Perguntou-se para Dona Diamantina dos Santos Alves como é que o povo paga as promessas e ela me disse “Olha, é chegando, assim, se aproximando da imagem do Santo, rezando, agradecendo a bênção recebida.” Dona Diamantina se refere ao momento em que o Santo é retirado da igreja e colocado à frente da mesma. Isto acontece no domingo da “festa”, já a partir das sete ou sete e trinta horas da manhã. Mas é interessante que Dona Diamantina, apesar de subir o Cerro, considera o pagar no momento em que interage com a imagem.

-Entrevistador: E quando a senhora subia a procissão, dona Diamantina, a senhora daí fazia a promessa e pagava a promessa lá em cima no morro?

-Diamantina: Não, eu pagava aqui, mas só que eu ia lá, porque era uma penitência que eu fazia, entende?

-Entrevistador: A senhora subia rezando e descia rezando?

-Diamantina: Não, eu rezava lá na capelinha, lá em cima.

-Entrevistador: O Santo estava aqui embaixo, na verdade né, e a senhora ia igual na capelinha?

-Diamantina: Isso, isso, eu ia lá, rezava, agradecia ele né, e subia de pé descalço, ia de pé descalço. Aí depois eu vinha.

Já Dona Ubaldina Pinto de Siqueira, falando do irmão, declara que “o pai fez a promessa, que se ele se salvasse, iria trazer ele aqui, com uma vela do tamanho dele pra subir o Cerro.” Veja-se que o objeto do pedido, no caso o irmão de Dona Ubaldina, teve que ser conduzido morro acima, a fim de pagar aí a graça, e não na fila da imagem. Aqui é necessário

se abrir um parênteses. A questão da vela deve ser entendida como um exemplo formidável de materialização da fé, pois o que se quer é aproximar o aspecto físico do símbolo ao tamanho do sujeito objeto do pedido. Ou se poderia dizer: se trata da noção de verdadeiro *toma lá da cá*, onde o sacrifício deve ser compatível à graça alcançada. “La forma más extendida de fe de masas en todo el mundo es, al lado de la magia y asociada a ella, una expectativa de compensación, la mayoría de las veces muy calculadora, y una esperanza de compensación.”<sup>14</sup>

### 3 Os romeiros em marcha: razões para peregrinar

As razões para peregrinar se assemelham muito aos motivos pelos quais se vai à Romaria através de outros meios de locomoção. O diferencial está na ênfase que se dá ao sacrifício. Em outras palavras, o fiel associa o sacrifício do Deus e/ou santo – objeto de culto – à sua existência, sua biografia, seu próprio sacrifício de vida. Neste sentido, assim como Jesus sofreu o Calvário e ressuscitou, também o romeiro introjeta que pode resolver suas agruras através do sofrimento. Outrossim, existe a crença de que os pecados comportam um certo peso inquisitorial para a salvação. Esta, por sua vez, só pode acontecer através de intervenção sagrada. Logo, a peregrinação acontece, “en parte, directamente al servicio de la coacción del dios...”<sup>15</sup>

A própria dor em geral carrega consigo a idéia do medo. Ela representa para o indivíduo uma barreira difícil de ser vencida. Já a dor da romaria comporta uma dificuldade que caminha em pé de igualdade com a possibilidade ou não da salvação. Logo, ao ser capaz de superar esta adversidade física, o romeiro se percebe merecedor de recompensa, que pode ser espiritual (o perdão dos pecados ou a graça pedida). Para Durkheim, “a dor é sinal de que alguns dos laços que o prendem ao meio profano estão rompidos; ela atesta, portanto, que ele está parcialmente livre desse meio e, por conseguinte, a dor é justamente considerada como o instrumento dessa libertação.”<sup>16</sup>

Também se destaca a idéia de que, quando se quer alcançar uma boa graça, não bastam pequenas orações e gestos, pois, quanto maior a ação, mais certa a recompensa.

As peregrinações são, desde a antiguidade, características das grandes religiões e uma maneira do fiel sentir-se participante da fé em que acredita. O fato de deixar a vida do dia-a-dia, que significa segurança, superficialidade, e enfrentar os desafios do desconhecido, dão ao peregrino a certeza de mergulhar no transcendente.<sup>17</sup>

<sup>14</sup> WEBER, Max. **Sociología de la religión**. Madrid: ISTMO, 1997. p. 164

<sup>15</sup> Ibid, p. 87

<sup>16</sup> DURKHEIM, op. cit., p. 381

<sup>17</sup> AROSIO, Ernesto. Romaria: um moderno gesto antigo. **Mundo e Missão**, São Paulo: Mundo e Missão, v. 5, n. 30, p. 6-7, 1998. p. 6



Por último, a peregrinação remete a uma idéia de materializar a fé e o ato de pedir, no sentido de que se faz um sacrifício que pode ser constatado, testemunhado e narrado, em lugar de um pedido ou oração quaisquer, que ficam no campo doméstico da personalidade e da subjetividade.

O senhor João Felício Mangini conta que peregrinou para pagar promessas recebidas. Ele mora na COHAB Santa Marta, Santa Maria, a cerca de oito quilômetros do Campestre. Quando se perguntou qual é o sentido da peregrinação o senhor João respondeu: “Eu acho que a pessoa paga muita coisa né, peregrinação é um sacrifício que a gente faz né.”

#### **4 Quem são os moradores do Campestre?**

É importante salientar que João Maria não deu início ao povoamento do lugar hoje denominado 10º Distrito de Santo Antão, pois, mesmo antes da chegada do “monge”, já existiam no Campestre várias famílias de agricultores, na sua maioria, provenientes de Taquari.<sup>18</sup>

O Campestre de Santo Antão é composto, basicamente, por gerações de descendência italiana, sendo que também se encontram na comunidade moradores negros. Não se trata, na totalidade, de grande número de famílias, mas cada uma delas é sempre bastante numerosa.

Em 1933, quando escreveu Belém a História do Município de Santa Maria, a população deste Distrito dedicava-se, preferencialmente, à agricultura, havendo apenas um terço das terras ocupadas na pecuária. Aí existiam estabelecimentos comerciais, casas exportadoras de produtos agrícolas e variadas indústrias, além de um curtume e duas charqueadas.<sup>19</sup>

Em janeiro de 1978, o pároco do Rosário, Pe. Erasmo Dall’Asta, procedeu a um levantamento das principais famílias do Campestre.

São moradores da capela de Santo Antão: Fausto Borin, Coraldino Santana, Francisco Farias, Leonel Flores de Moraes, João Borin, Valdir Borin, Arlei Pauletto, Otávio Borin, Luiz Borin, Pedro Farias, Antero Dias, Juvenil da Silva, Albino Favarin, Darci Farias, José Ferraz, Valdir Gomes, Antonio Farias, Gentil Dalla Lana e irmãos Steekel.<sup>20</sup>

<sup>18</sup> BELÉM, op. cit., 1989, p. 175

<sup>19</sup> BELÉM, op. cit. 1989, p. 175

<sup>20</sup> DIOCESE DE SANTA MARIA. Paróquia Nossa Senhora do Rosário. **Livro de Registro de Tombo N° 2.** Santa Maria: Secretaria Geral do Bispado, 1977-1982. f. 6v.

Contam-se assim dezenove famílias. São, em geral, pessoas de uma religiosidade muito profunda, que fazem questão de bendizer a fé católica. Também se sentem muito ligados ao lugar (à região, às capelas e ao morro), a Santo Antão e ao grupo local.

Há duas formas de participar da comunidade: estar na comissão de festeiros e/ou ajudar nos trabalhos preparativos para as cerimônias religiosas de Antão. Dona Servina Cardoso dos Santos (Nena) destacou que a comunidade de Santo Antão é muito unida. Provavelmente ela pensou nos trabalhos que realizam em conjunto para o evento da “festa”. Sendo útil na realização dos ritos comemorativos a Santo Antão, por sua vez, os moradores desenvolvem seu sentimento de identidade com o sagrado. Na fala de Dona Wilma Maria Braida Santana a questão fica ainda mais evidente: “O povo aqui é muito unido. O povo está sempre trabalhando, como agora mesmo. Estão fazendo limpeza, estão ajudando.”

A família Borin esteve presente desde a década de 1880, quando os irmãos Matteo e Bórtollo Borin saíram da Itália e se fixaram, respectivamente, em Caturrita e Santo Antão.<sup>21</sup> É uma das famílias mais importantes do Campestre, desde aquela época. O senhor Fausto Borin, neto de Bórtollo, informou acerca de uma “irmandade” de seis pessoas que existiu até cerca de 1950, cujos principais representantes seriam as famílias Borin (dois representantes), Barin (dois componentes) e Rosa (dois participantes). O nome “irmandade” é provavelmente herança da época de João Maria, quando este instituiu uma confraria para o Campestre. Entretanto, não eram reconhecidos oficialmente pelo clero enquanto “irmandade” propriamente dita. Tratava-se de um grupo leigo unido por uma causa espiritual e constituído, inicialmente, por doze pessoas e, posteriormente, por apenas seis. Seguiam como estatuto o documento “Aos do Campestre”, legado por João Maria de Agostinho, o que garante que tratavam de zelar pelo lugar e pelos eventos religiosos. Também possuíam seu próprio templo, que foi a primeira igreja da base do Cerro. Os romeiros conservaram o misticismo que envolve o nome “irmandade”. Os jornais dão informação da existência da “irmandade” com frequência até 1930, quando inclusive se lê: “(...) a actual direcção da irmandade de Santo Antão, sob a presidencia do irmão Manoel Ilha da Rosa e combeneplacito do rev. padre Caetano Pagliuca (...)”.<sup>22</sup> Vê-se aí o início de um acompanhamento mais rigoroso da confraria por parte da Igreja, uma vez que o sacerdote já aparece como o guia que autoriza ou não a tomada de decisões.

---

<sup>21</sup> **A RAZÃO**, Santa Maria, 27/28 mai. 1989. p. 13

<sup>22</sup> **DIÁRIO DO INTERIOR**, Santa Maria, v. 17, n. 15, 19 jan. 1930

## 5 A “festa” e seus significados

Os ritos podem ser divididos em pelo menos quatro momentos:

1) a descida da imagem de Santo Antão de cima do cerro; ou seja, os fiéis, em procissão, transportam seu Santo da ermida de cima do morro até a capela da base do mesmo; havendo logo após missa e adoração a Santo Antão.

2) uma semana de atividades (festejos e/ou orações), em intervalo que acontece desde o domingo da descida até o do dia do Santo;

3) a “festa” propriamente dita ou “grande festa de Santo Antão”, quando se realizam pelo menos três solenidades centrais: a missa da manhã, a procissão com o Santo e a missa da tarde, com a bênção da saúde;

4) a subida da imagem do Santo para a ermida de cima do cerro, também em procissão, onde ficará até o próximo ano.

Os eventos apresentam datas demarcadas. Desde a época do “monge” até cerca de 1940, a Romaria acontecia incondicionalmente no dia de aniversário de morte do Santo, ou seja, a 17 de janeiro. A descida da imagem, portanto, se realizava impreterivelmente no dia 8 de janeiro.

Desde aquele tempo [época do monge], a 8 de Janeiro, pela manhã, effectua-se a descida do Santo: a imagem de Santo Antão baixa da capella do morro para a do Campestre com toda a solennidade, ao som de antigos canticos das missões jesuiticas. Com bôa frequencia começam as novenas na mesma data e, a 17, á tarde, sáe enorme procissão, percorrendo o Campestre com a imagem Abbade e volta á mesma capella, onde continuam as cerimônias religiosas. Na manhã seguinte realiza-se a procissão da subida com grande acompanhamento, para a ermida do alto. N’essa occasião cumprem-se pesadas penitencias como seja a de conduzir grandes pedras, sobre a cabeça, durante todo o trajecto.<sup>23</sup>

Atualmente, a Romaria acontece no domingo mais próximo do dia 17 e a descida, conseqüentemente, sete dias antes.

Vários ritos simples constituem a descida da imagem. Assim que clareia o dia, os devotos sobem o morro e, principalmente no topo, realizam algumas rezas. Geralmente o padre acompanha a subida e conduz o culto. Em seguida, um grupo “prepara” a imagem para a descida, ou seja, Santo Antão é posto no andor, amarrado, enfeitado, e se for o caso, se veste alguma nova capa, que lhe tenha sido trazida na data. As pessoas se posicionam ao redor do andor e iniciam as rezas e a descida. Muitos fazem, pagam e agradecem promessas neste momento. É comum ver pessoas de pés descalços ou com crianças no colo. O ato de carregar a imagem é tido como sublime, sendo que os romeiros vão se revezando nesta atividade. O Santo é conduzido até o interior da capela de baixo, desprovido do andor, e posto ao lado do

<sup>23</sup> BECKER PINTO, op. cit., Não paginado.

altar. Imediatamente, se forma enorme fila dupla dentro da igreja: cada católico quer ter seu momento de fé e oração com o Santo. Cumpridos todos os ritos da descida, assiste-se à missa em homenagem a Santo Antão.

A imagem é baixada visando aos que não podem subir. Na verdade, há duas imagens no Campestre: esta principal da descida e da subida, que fica a maior parte do tempo na ermida de cima do cerro; e outra, que fica o ano todo na capela da base do morro, para a qual os fiéis não dão tanta importância durante a Romaria. A primeira imagem existe para a semana do Santo e a segunda para os demais dias do ano. Contudo, quando a imagem de Santo Antão é trazida para a base, concorrem “dois Santo Antão” na capela.

Durante a semana, há também uma série de ritos. Geralmente ocorre a novena em Santo Antão ou acontece a chamada novena móvel. Quando a novena é no Campestre, do dia da descida até o sábado anterior à “festa”, o povo se reúne aí pelas 20 horas a fim de comentar a bíblia e rezar o terço – é uma novena de sete dias quando acontece somente a partir do domingo da descida, ou de nove dias caso se inicia em período anterior. O ato muito se assemelha aos ritos do tempo do “monge”. Nos três últimos dias da novena, ou seja, quinta-feira, sexta-feira e sábado, acontece um tríduo preparatório para a Romaria, quando então, o sacerdote paroquiano se faz presente. Durante o tríduo, também a partir das 20 horas, se tem missa e novena. Algumas vezes a mesma novena não acontece na Capela de Santo Antão, mas nas casas das famílias que moram no lugar.

Nos anos em que se faz novena móvel, entretanto, a imagem de Santo Antão não fica no Campestre, mas percorre diversos povoados (vilas e bairros) da região. Desta forma, cada dia ela permanece em local diferente, e as rezas, missas e tríduo são feitos em distintas comunidades. Há aí celebração em cada local, durante os sete ou nove dias, porque o que se quer é dar um atendimento espiritual uniforme. O tríduo ainda assim se diferencia dos demais ritos por seu caráter temático e preparatório. São comuns palestras cujo tema é a importância da água. Frequentemente também se fazem reflexões sobre a Campanha da Fraternidade do ano corrente.

No domingo que homenageia o Santo tem-se novamente uma série de ritos. A celebração em homenagem a Santo Antão acontece às dez horas, a procissão na base do cerro às onze e a missa da saúde ocorre às três da tarde.

O primeiro culto é a missa concelebrada, ou seja, o sacerdote responsável pela Romaria concelebra com o bispo diocesano. A homilia é responsabilidade deste e durante a mesma se fala bastante sobre Santo Antão.

A procissão consiste em conduzir Santo Antão procedendo-se às rezas e orações tradicionais da Igreja. Os bispos sempre fazem questão de acompanhar e conduzir os ritos. A musicalidade também é notória neste momento da Romaria. As orações e cantos são os mais diversos. É um momento sublime para o fiel. Tocar a imagem em procissão representa um dos rituais ápices da Romaria.

Após a procissão começam a ser vendidos os almoços. Há variedade de churrascos, saladas, doces e bebidas. Alguns também trazem salada e carne para assar por conta própria no Campestre. É um momento de degustação e confraternização.

À tarde há inúmeras outras atividades. Completo parque de diversões se encontra montado para as crianças no pátio de frente à Igreja, sem falar das tendas de jogos diversos, onde os adultos podem apostar e se empolgar. Há um amplo complexo comercial que põe à disposição dos romeiros uma variedade de artigos sagrados, bijuterias, objetos diversos, por vezes exóticos; além das lanchonetes com enorme variedade de comes e bebes (refrigerantes e cervejas). Há a tradicional cancha de bochas, o campo de futebol, entre outros. Com as famílias estabelecidas no gramado ou à sombra das árvores, o pátio do Campestre ganha a aparência de um enorme piquenique.

Assim, a religião não seria ela mesma se não deixasse algum espaço para as livres combinações do pensamento e da atividade, ao jogo, à arte, a tudo o que recreia o espírito cansado por aquilo que há de demasiado pesado no labor cotidiano: as próprias causas que a trouxeram à existência determinam esta necessidade.<sup>24</sup>

A missa da saúde representa um momento de culto muito importante para os fiéis, principalmente para aqueles que possuem alguma doença grave ou avançada. Neste momento o bispo já não se encontra mais no local e quem celebra é o pároco responsável pela paróquia do Rosário. Além da bênção da saúde, se pede também pelo bom andamento da agricultura e da pecuária. Nos anos de seca prolongada ainda se pede que Deus, por interseção de Santo Antão, provenha com chuva a região. Nestes casos, a missa é conjugada com as subidas individuais ao cerro, pois cada fiel pede por sua lavoura que está em perigo. Há, na bênção da saúde, uma atitude que visa atender aos anseios caracteristicamente romeiros. É um momento em que convergem as idéias do clero e a razão de ser popular da Romaria.

Após a missa, em aparência, o caráter profano supera o sagrado. O evento religioso passa a ser visto como uma tarefa cumprida e o devoto se percebe enquanto um homem limpo e vazio, ou seja, por incrível que pareça, digno de voltar a pecar. Há também aí alguma programação que de certa forma incentiva alguns exageros. Geralmente se apresentam neste

---

<sup>24</sup> DURKHEIM, op. cit., p. 455

momento mais de um grupos musicais ou humoristas. Em 2007, por exemplo, houve show nativista com Nelsinho Lopes e apresentação do humorista Mulita, além de som mecânico, onde se dançou verdadeiro baile até a noite.

Segundo o estudioso das Romarias Carlos Alberto Steil, “a romaria coloca os romeiros em contato com a teia de símbolos e de sentidos que sustenta a cultura em que estão imersos. A relação entre ritual e cultura está no centro da compreensão do próprio sentido do culto nos santuários de peregrinação.”<sup>25</sup> Assim, a descida, a procissão do dia da “festa”, a subida, e as filas rumo à imagem do Santo representam uma tentativa de aproximar a entidade do devoto. O Cerro, a água, o barro, demonstram uma tentativa de ligação com a paisagem. As missas comportam um caráter de oficialidade indispensável para a fé, além de ser um momento em que o fiel tem oportunidade de parar, pensar, se concentrar, entrar em contato com sua espiritualidade de forma intro e extrospectiva, o que oportuniza ao mesmo, em última instância, sair do culto abençoado e merecedor de sua saúde física. Os comes, os bebes, os piqueniques representam a oportunidade de participar de um banquete, mas significam também uma forma de homenagear o Santo da devoção, o que torna permitidos tais prazeres. Os bailes, shows, brinquedos, jogos, lazer, da mesma forma, representam uma oportunidade de exercitar a alegria de viver com dignidade e oportunidade – o fiel tem o direito de ser gente no dia de Santo Antônio.

O fiel que comungou com o seu deus não é apenas homem que vê verdades novas que o incrédulo ignora, é homem que *pode* mais. Ele sente em si força maior para suportar as dificuldades da existência e para vencê-las. Está como que elevado acima das misérias humanas, porque está elevado acima de sua condição de homem; acredita-se salvo do mal, aliás, sob qualquer forma que se conceba o mal.<sup>26</sup>

A Via Sacra ou subida da imagem do Santo é norteadada pela mesma idéia de sacrifício contida na peregrinação.

Durante muito tempo o evento aconteceu no próprio dia 17 de janeiro, logo após a missa da saúde. Posteriormente, se transferiu o mesmo para o dia 18, impreterivelmente; ou seja, um dia depois da “grande festa”. Isto porque no 17 o pessoal já estava cansado e não queria subir o Cerro. Quando a Romaria deixou de se realizar necessariamente de 08 a 17 de janeiro, a subida continuou sendo após o segundo domingo de ritos religiosos. A partir de 1978, entretanto, o evento passou a realizar-se conjugado, para não dizer justaposto, à tradicional via sacra católica da semana de Páscoa. A decisão foi tomada pelo clero e denota uma tentativa de associar a vida de Antônio no deserto com a paixão de Jesus Cristo. Nesse

<sup>25</sup> STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias**: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa - Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 113

<sup>26</sup> DURKHEIM, op. cit., p. 493

processo, a ascese de João Maria não é lembrada e tampouco comparada com a do eremita do Egito. Entrementes, não fosse a ação do “santo monge”, o Campestre jamais teria conhecido a devoção católica de Santo Antônio.

## 6 O sagrado e o profano: “Livramento” e “Rivera”

Como disse João Daudt Filho, “*Preste ou não preste, viva a festa do Campestre*”; ou seja, “era o estribilho popular ouvido em todos os recantos de Santa Maria desde o raiar do dia 8 até o dia 17 de janeiro de cada ano.”<sup>27</sup>

Tudo começou a se definir em 1848. O ermitão João Maria de Agostinho recolhia as esmolas do Santo, realizava as “festas” e distribuía aos pobres o lucro ou o que sobrava do cofre. Quando escreveu o documento “Aos do Campestre”, quis que a Romaria continuasse seguindo o mesmo procedimento. E ainda alertou: “Bastante seja a comida e nenhuma bebida de licores.”<sup>28</sup> A preocupação, em primeiro lugar, era com os que não tinham o que comer. A negativa das bebidas alcoólicas, por outro lado, visava balizar o profano. Bem, a profecia se realizou no sentido da demanda por alimentos. Mas o caráter profano e as bebidas alcoólicas nunca deixaram de existir.

Para Durkheim, “(...) o mundo sagrado parece tender, por sua própria natureza, a se propagar nesse mesmo mundo profano (...)”,<sup>29</sup> sendo que o inverso também é verdadeiro. Isto vale para qualquer movimento religioso de massas.

Neste sentido, inclusive pelo que se infere da programação do dia 17, a Igreja tem clara a noção de que a festa e o profano constituem elemento importante do fenômeno religioso, ao mesmo tempo em que teme quando as manifestações populares extrapolam certos limites tidos como cabíveis. Na década de 30, optou-se por conter o caráter profano da Romaria, e se conseguiu fazê-lo minimamente. A partir de então, busca-se efetivar uma política de acolhimento da religiosidade das massas.

Por sua vez, para o romeiro, o profano representa a resistência velada a qualquer forma estruturada de se promover a religiosidade. Fazendo-se o que os dirigentes institucionais não recomendam, se está impondo o que o romeiro entende por fundamental ou essencial do sentimento religioso. Em outras palavras, a religião institucional não consegue contemplar todas as necessidades da população devota.

A estrada da Caturrita, que divide em partes menor e maior o sítio da Romaria, foi desde cedo a responsável culpada pelo caráter profano da Romaria. O território ganhou uma

<sup>27</sup> DAUDT FILHO, João (org. Pedro Brum Santos). *Memórias*. 4 ed. Santa Maria: EdUFSM, 2003. p. 203

<sup>28</sup> AGOSTINI, doc. cit. In: SILVEIRA, op. cit., p. 463

<sup>29</sup> DURKHEIM, op. cit., p. 384

nomenclatura dualística: o lado da estrada em que fica a Capela, bem maior e mais alto, ficou conhecido como Livramento ou Santana do Livramento; enquanto que o lado menor e mais baixo foi chamado Rivera ou Rivera Chica. Os nomes fazem alusão metafórica às cidades da fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul, entre Brasil e Uruguai.

A população do Campestre, nestes nove dias, centuplica-se. A polícia, ciosa da moralidade pública, já estabeleceu uma linha divisória entre o lugar destinado às famílias e aquele em que é permitido os jogos de azar, as casas de bebidas improvisadas e os perigosos bailes publicos. A esta parte do arraial o populacho denominou *Rivera*. Ahi impéra, afoutamente, o vicio e o deboche. Raro é o anno, rarissimo mesmo, em que não há na Rivera um homicidio, que, entretanto, não altera o programa dos festejos nem a alegria dos convivas. Há apenas um pequeno intervallo para que a policia faça as indagações necessarias e remova o cadaver.

Do outro lado [Livramento], as familias divertem-se, honestamente, sem ligar importância ao que se passa além da *linha divisoria*. Churrasqueia-se á vontade; as gallinhas assadas e os leitões que enchem as toscas mesas vão desaparecendo pouco a pouco, entre as risadas alacres das moças, os gritos infernaes da meninada e os ralhos impertinentes das cuidadosas mães.

Aqui, debaixo de uma ramada, sobre o capim queimado pelo sol de Janeiro, baila-se gostosamente. Ali, á porta de uma barraca, rodeados de oovintes, dois trovadores empenham-se num delicioso duello em que não espadana o sangue dos contendores mas, como fagulha divina, brilha a vérvé encantadora daquellas intelligencias incultas.<sup>30</sup>

O autor ignora que Rivera tenha suas formas próprias de manifestar sua religiosidade e tampouco aceita que os eventos do Livramento também têm seu caráter profano. Entretanto, entrevistou-se, do lado de cima, um romeiro que manifestou o seguinte:

No meu caso é a festa, no caso né. A missa, eu assisto a primeira missa de manhã, quando eu chego a tempo. Sempre subo o cerro. No caso é um dia que tu... Um lazer até, no meu ponto de vista né. É um momento do ano que pra não vim só por doença. Eu gosto de vim aqui. Eu me sinto, assim, um dia de lazer, uma festa, que tu aproveita o dia intero. (Valdoir de Quevedo)

Não é possível dizer que o entrevistado não vem pela fé, mas é possível dizer que ele vem pela festa. Seu Valdoir assiste a missa e sobe o cerro. Isto feito, desfruta do lazer que o lugar proporciona; festeja.

O dia do Santo é, portanto, o auge da Romaria. É no espaço da “festa” ou cerimônia religiosa que acontecem todas as manifestações e relações: humanas, coletivas, sagradas e profanas. Nestes termos, a Romaria de Santo Antão é um espaço polifônico ou de múltiplos significados, onde tem lugar o Livramento e a Rivera, o pobre e o rico, o individual e o coletivo, o humano e o transcendental, o negro e o branco, a Igreja e o povo. A união existe,

<sup>30</sup> BELÉM, João. Campestre de Santo Antão. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 5, n. 3 e 4 (trimestral), p. 219-223, agos. 1925. p. 221



ainda uma vez, por conta de que cada fiel de igual forma possui e manifesta características sagradas e profanas.

Por fim, é essa diversidade que faz a Romaria ser o que é. A capacidade que tem o evento e o homem de acolher e amparar toda a sorte de manifestações religiosas e políticas confere espaço para que o povo aja coletivamente e se “cure” de seus males num projeto atemporal de mudança. Na margem e na exceção ao uniforme, o povo surge como fomento da Romaria. É ele o responsável pela verdade simbólica e é ele que promove os fatos históricos que acontecem na semana do Santo.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Dr. Thomaz Antunes de. Relatório (25 de maio de 1849). In: FACHEL, José Fraga. **Monge João Maria: recusa dos excluídos**. Porto Alegre: EdUFRGS; Florianópolis: EdUFSC, 1995. 100 p.

AGOSTINI, João Maria. Aos do Campestre [184-]. In: SILVEIRA, Hemeterio José Veloso da. **As Missões Orientaes e seus antigos dominios**. Porto Alegre: Tipografia da Livraria Universal de Carlos Echenique, 1909. 700 p.

ALVES, Diamantina dos Santos. **Diamantina dos Santos Alves: depoimento** [jan. 2007]. Entrevistador: Robinson Fernando Alves. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria/UFSM-SM, 2007. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao Programa de Mestrado em Integração Latino-Americana/MILA – UFSM-SM.

**A RAZÃO**. Santa Maria, 21 jan. 1975

**A RAZÃO**. Santa Maria, 27/28 mai. 1989.

AROSIO, Ernesto. Romaria: um moderno gesto antigo. **Mundo e Missão**, São Paulo: Mundo e Missão, v. 5, n. 30, p. 6-7, 1998.

BECKER PINTO, Nicolau. Festa do Campestre. **Revista Comemorativa do Primeiro Centenário da Fundação da Cidade de Santa Maria – 1814-1914**. Porto Alegre: Globo, 1914. Não paginado.

BELÉM, João. Campestre de Santo Antão. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 5, n. 3 e 4 (trimestral), p. 219-223, agos. 1925.

BELÉM, João. **História do Município de Santa Maria – 1797-1933**. Santa Maria: EdUFSM, 1989. 277 p.

BELTRÃO, Romeo. **Cronologia Histórica de Santa Maria e do Extinto Município de São Martinho – 1787-1930**. 2 ed. Canoas: La Salle, 1979.

BERLEZE, Derlindo Mhocato. **Derlindo Mhocato Berleze: depoimento** [jan. 2006]. Entrevistador: Robinson Fernando Alves. Santa Maria: Universidade Federal de Santa

Maria/UFSM-SM, 2006. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao Programa de Mestrado em Integração Latino-Americana/MILA – UFSM-SM.

BORIN, Fausto. **Fausto Borin**: depoimento [jan. 2007]. Entrevistador: Robinson Fernando Alves. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria/UFSM-SM, 2007. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao Programa de Mestrado em Integração Latino-Americana/MILA – UFSM-SM.

DALLA DÉA, Paulo Fernando. **Paulo Fernando Dalla Déa**: depoimento [jan. 2007]. Entrevistador: Robinson Fernando Alves. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria/UFSM-SM, 2007. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao Programa de Mestrado em Integração Latino-Americana/MILA – UFSM-SM.

DAUDT FILHO, João (org. Pedro Brum Santos). **Memórias**. 4 ed. Santa Maria: EdUFSM, 2003. 215 p.

**DIÁRIO DO INTERIOR**, Santa Maria, v. 17, n. 15, 19 jan. 1930.

DIOCESE DE SANTA MARIA. Paróquia Nossa Senhora do Rosário. **Livro de Registro de Tombo Nº 2**. Santa Maria: Secretaria Geral do Bispado, 1977-1982. 50 f.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares de Vida Religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989. 535 p.

LANGENDOLFF, Catharina de Almeida. **Catharina de Almeida Langendolff**: depoimento [jan. 2007]. Entrevistador: Robinson Fernando Alves. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria/UFSM-SM, 2007. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao Programa de Mestrado em Integração Latino-Americana/MILA – UFSM-SM.

LOBO, Dion Cássio de Aguiar. **Dion Cássio de Aguiar Lobo**: depoimento [jan. 2007]. Entrevistador: Robinson Fernando Alves. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria/UFSM-SM, 2007. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao Programa de Mestrado em Integração Latino-Americana/MILA – UFSM-SM.

MANGINI, João Felício. **João Felício Mangini**: depoimento [jan. 2006]. Entrevistador: Robinson Fernando Alves. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria/UFSM-SM, 2006. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao Programa de Mestrado em Integração Latino-Americana/MILA – UFSM-SM.

MATIUZI, Paulina Rodrigues. **Paulina Rodrigues Matiuzi**: depoimento [jan. 2006]. Entrevistador: Robinson Fernando Alves. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria/UFSM-SM, 2006. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao Programa de Mestrado em Integração Latino-Americana/MILA – UFSM-SM.

**O COMBATENTE**, Santa Maria, v 6, n. 2, 10 jan. 1892

**O COMBATENTE**, Santa Maria, v. 8, n. 4, 22 jan. 1893

PAGLIUCA, Pe. Caetano. Festa do Campestre. **O Santamariense**. Santa Maria, v. 1, n. 24, 11 jan. 1923a.

PAGLIUCA, Pe. Caetano. Festa do Campestre. **O Santamariense**. Santa Maria, v. 1, n. 26, 25 jan. 1923b.

QUEVEDO, Valdoir de. **Valdoir de Quevedo**: depoimento [jan. 2007]. Entrevistador: Robinson Fernando Alves. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria/UFSM-SM, 2007. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao Programa de Mestrado em Integração Latino-Americana/MILA – UFSM-SM.

SANTANA, Wilma Maria Braida. **Wilma Maria Braida Santana**: depoimento [jan. 2007]. Entrevistador: Robinson Fernando Alves. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria/UFSM-SM, 2007. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao Programa de Mestrado em Integração Latino-Americana/MILA – UFSM-SM.

SANTOS, Servina Cardoso dos. **Servina Cardoso dos Santos**: depoimento [jan. 2007]. Entrevistador: Robinson Fernando Alves. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria/UFSM-SM, 2007. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao Programa de Mestrado em Integração Latino-Americana/MILA – UFSM-SM.

SILVA, Márcia Vitória Santos da. **Márcia Vitória Santos da Silva**: depoimento [jan. 2006]. Entrevistador: Robinson Fernando Alves. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria/UFSM-SM, 2006. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao Programa de Mestrado em Integração Latino-Americana/MILA – UFSM-SM.

SIQUEIRA, Ubaldina Pinto de. **Ubaldina Pinto de Siqueira**: depoimento [jan. 2006]. Entrevistador: Robinson Fernando Alves. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria/UFSM-SM, 2006. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao Programa de Mestrado em Integração Latino-Americana/MILA – UFSM-SM.

SOUZA, Maria Luiza Batistela de. **Maria Luiza Batistela de Souza**: depoimento [jan. 2007]. Entrevistador: Robinson Fernando Alves. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria/UFSM-SM, 2007. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao Programa de Mestrado em Integração Latino-Americana/MILA – UFSM-SM.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias**: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa - Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996. 309 p.

WEBER, Max. **Sociología de la religión**. Madrid: ISTMO, 1997. 454 p.